

## DISCURSO X PRÁTICA A RESPEITO DA INCLUSÃO

Acredito que aquilo que se é externalizado pela sociedade de um modo geral a respeito da inclusão principalmente nos dias atuais é incoerente à prática da mesma. Pois é notório que as pessoas fazem seus discursos em relação à inclusão, dizendo que o excepcional precisa ser integrado à sociedade como cidadão comum, já que afinal de contas todos têm diferenças, apenas a deficiência destes é mais aparente. Contudo esse integrar à sociedade, implica em colocá-los em escolas freqüentadas por “normais”, admiti-los em organizações, fazer adaptações em transportes e vias públicas etc. Mas paradoxalmente a este discurso, de um modo geral se encontra a falta de coerência com a prática. O governo, por exemplo, não prioriza seu discurso quando não disponibiliza mudanças físicas em vias públicas, talvez por não achar tão importante devido ao menor número de cidadãos excepcionais em referencial aos “normais”. Sem falar das escolas, faculdades, lojas com suas famosas escadarias. Porém, positivamente, politicagem ou não, o governo criou uma lei de empregar excepcionais em instituições, submetendo empresários a essas práticas – mas será que se não fosse “obrigado”, *alguns empresários* contratariam excepcionais? Sendo o mundo ainda tão capitalista, na visão desses *alguns empresários* (não se pode generalizar é claro) os excepcionais são “atrapalhadores” da sua máquina de ganhar dinheiro, pois poderiam contratar pessoas mais ágeis. Quanto aos demais cidadãos, especificamente *alguns* pais que tem crianças na escola, suas orações também não condizem com suas práticas. Pois dizem terem “pena, compaixão”, e longe deles terem preconceitos. Mas suas “mascaras” caem a partir do momento que se deparam com uma criança excepcional cursando na mesma classe que seu “filhinho” querido. A primeira coisa que fazem é conversar com a diretora e tirar satisfação com uma vocalização que diz: “essa criança deveria estar num lugar próprio para ela, o meu filhinho vai ficar com medo...”. Eles muitas vezes por falta de informação têm até medo de seus filhos pegarem a “doença”.

Todavia, tudo isso é compreensível, levando em conta que o ser humano não está acostumado ou não apreendeu a lidar com o diferente, com aquilo que não conhece. Isso gera um estigma do diferente, uma mobilização de suas emoções. Se explicando a partir dos pressupostos básicos do existir humano, ou seja, o ser

humano não está imune às emoções, aos afetos. É inerente ao mesmo a expectativa do belo, do perfeito e do harmonioso, com isso, quando se entra em contato com o deficiente, o ser humano de um modo geral – *cada um como ser único age diferentemente em relação à deficiência, há uma diversidade de sentimentos* – mobiliza sentimentos de ameaças, ou seja, frente ao excepcional sente-se ameaçado, desequilibrado, abatido, desestruturado, ativando assim “mecanismos de defesa”, caracterizados por: *ataque e fuga (rejeição: abandono, superproteção; negação: atenuação, compensação e simulação)*. Em relação à expectativa do belo, perfeito, quando o ser humano se depara com o “diferente”, são mexidas as suas feridas “narcisistas”; ou melhor, o diferente espelha as imperfeições do ser humano, dizendo como são imperfeitos; o que traz angustia e desestruturação.

O psicólogo nisto tudo, – *é lógico que suas mobilizações já devem estar trabalhadas* – com toda certeza pode dar uma grande contribuição para que seja quebrada esta incoerência estereotipada, esta visão distorcida do excepcional. Principalmente no que diz respeito à falta de informação. Pois sabemos que uma pessoa por mais que seja comprometida fisicamente, intelectualmente, tem possibilidades de realizar algo através do estímulo de suas potencialidades. E isso podemos fazer quando nos colocamos como “pontes”, e trabalhamos suas potencialidades, seus próprios preconceitos, com o intuito de aumentar a auto-estima baixa, sua resiliência . Como também trabalhar a mentalidade da sociedade em geral através da informação e compreensão das suas ansiedades. Para tanto devemos desenvolver estratégias, pois o *conhecimento* quebra tabu's e sua *prática* humaniza as pessoas.

**Marcos Luiz Gilioti – Psicólogo**

Contato: 3011-4241/ 8117-4566  
[marcos@transcendencia.net](mailto:marcos@transcendencia.net)